

**Fortes D'Aloia & Gabriel**

**Galpão**

Rua James Holland 71 | 01138-000 São Paulo Brasil

T +55 11 3392 3942 | [www.fdag.com.br](http://www.fdag.com.br)

## ***Romper o dia, crack of dawn***

Por Pedro Köberle

Cada composição de Tatiana Chalhoub começa com um acervo de fragmentos, colhidos e rearranjados num procedimento colagístico. Cacos de cerâmica ou pedaços de tela e acetato são processados em composições onde a cor é indissociável da constituição material do suporte. Verniz, esmalte, tinta a óleo e acrílica emprestam cada uma sua qualidade específica às superfícies e relevos de sua obra. A um cromatismo insistente e vibrátil acrescenta-se uma impressão de espontaneidade, como se as peças ou os tons da tinta fossem reunidas pelas forças latentes que as atraem, como ímãs, para compor o trabalho. Isso se deve, talvez, à maneira como a artista acolhe o imprevisto, já que na cadeia de operações que leva a uma peça, do fogo ao calor do forno, não faltam momentos em que a imprevisibilidade intervém sobre o processo. Mas nem todos os acidentes são obra do acaso, e Chalhoub também produz deformações como se “continuasse inacabando” os elementos materiais com que trabalha.

*Romper o dia, crack of dawn*, o título dessa mostra, alude à presença da fratura como técnica, mas guarda também outros sentidos, como veremos. Além da recorrência de fendas, rachaduras e craquelados sobre as superfícies, a consistência líquida das pinturas esmaltadas se deve às numerosas camadas de pigmento que ativam a cor, iluminando a superfície por trás. Contornos orgânicos se fundem, sobrepõem-se parcialmente e se enlaçam como soluções de diferentes densidades num meio heterogêneo – daí que tantas formas não parecem estar *sobre* outras, mas misturadas numa mesma camada. Essa fluidez, no entanto, não mascara a natureza mineral dos trabalhos. Um exemplo é a obra que leva o título da exposição, em que sedimentos diáfanos de pigmento em brancos azulados compõem filamentos horizontais de nuvem que se assentam numa paisagem parcialmente dissolvida. Em meio a esse espaço vaporoso, Chalhoub preenche rachaduras na cerâmica com amarelo cádmio, como se o corpo do trabalho fosse expandindo de dentro para fora, e seu volume quebradiço guardasse luz.

Entre suas massas amorfas e contornos irregulares, Chalhoub distribui também figuras reconhecíveis. Em todos os trabalhos aparecem, se não a imagem e a representação de formas do mundo físico, as qualidades sensíveis que evocam ambientes naturais e espaços ao ar livre. Nesse sentido, cada obra tem o seu microclima, uma atmosfera que sentimos desabrochar junto com a experiência ótica; toda uma gama de apreensões táteis ou sensações hápticas que tecem uma teia perceptiva pelo espaço. Essa ambiência também se liga à metáfora embutida no título da mostra, já que os tons quentes, frios, tépidos ou boreais em cada obra, junto aos acabamentos ora sedimentares, ora aquosos, traduzem o clima ambíguo – entre dia e noite – dos primeiros instantes da manhã.

A exposição se espraia por pelo menos três “famílias” de trabalhos: os buquês, agrupamentos em pequena escala de uma variedade de fragmentos de cerâmica pintados; os painéis, compostos de placas refratárias que servem de tela para a artista, e por fim as pinturas-colagem, em que ingressam materiais tão diversos quanto recortes de vinil, pedaços de acetato, papel e retalhos de tela.

Olhemos de perto os buquês, chamados assim tanto por conta dos cacos de cerâmica aglomerarem-se em pequenas populações, tanto pelo fato de muitos trazerem bem literalmente figuras florais. Esses trabalhos menores são, sob uma inspeção detida, *antologias* – etimologicamente a palavra deriva da composição de *anthos* (uma flor) com *logia* (colher, coletar). O importante é atentar ao parentesco que aparece entre a flor e o fragmento. Em algumas dessas obras, os fragmentos soltam faíscas figurativas: nasce uma paisagem, uma vista montanhosa. Tudo isso a partir da argila, que arrancamos da terra; é matéria que permite ser modelada. Não que isso signifique sofrer deslocamentos arbitrários, mas ordenar sua plasticidade segundo forças que estabilizam a deformação. As paisagens, como essas obras, são fragmentos destacados de um contínuo maior. De que todo esses cacos são a parte?

Com essas relações em mente, passamos aos painéis, feitos sobre conjuntos de placas refratárias. Também o elemento mineral forma o fundo sobre o qual se desdobram as imagens, ora totalmente abstratas, ora figurativas, mas sempre concretas. A rosa é uma dessas imagens, particularmente visível em *Rosa vermelha* (2024). Aqui, placas rachadas de cerâmica vermelha formam o volume carnudo da rosa, e outras, de um verde acinzentado, formam suas folhas. A rosa em si era uma grande massa vermelha unitária, só depois é que suas pétalas foram dadas pela quebra, num outro exemplo da vocação construtiva do acidental.

Em *Precipitação* (2024) há uma outra aproximação ao espaço ao redor, onde as massas enevoadas, as nuvens em lilás e azul claro parecem pairar, lânguidas, sobre um morro verde e debaixo do céu taciturno. Entre os diferentes campos de cor há uma variação de texturas que aproximam-se ora do veludo molhado, como no azul profundo na porção inferior, ou da malha de uma tela, como nas partes verde-oliva do meio para o topo. O posicionamento vertical da obra desfaz o ilusionismo panorâmico tão comum na pintura de paisagens, chamando atenção à tinta empoçada sobre a superfície, dissolvendo e reconstituindo a nitidez de uma vista natural. Entre as nuvens a artista risca linhas angulares, cargas gráficas entre o terreno celeste, raios de sol rompendo o nublado. Nessas duas últimas obras mencionadas, há uma dilatação do olhar, o que atesta à capacidade de Chalhoub passar entre escalas, de ambientes internos a espaços amplos.

Por fim, a pintura-colagem *Figura escura* (2024) condensa as diferentes vertentes do inventário pictórico de Chalhoub numa composição onde recortes denteados e outros abaulados acotovelam-se num espaço irregular. As silhuetas presentes nos outros trabalhos da mostra parecem transferidas de um estado a outro até chegar a sua posição neste, construído por aglutinação paciente. Essa está entre as obras mais cruas do grupo, no sentido da sobreposição deslocada de planos fraturados produzir uma simultaneidade que a um só tempo funde e confunde os seus elementos constitutivos. Se chamarmos o círculo amarelo em acetato brilhante de sol, a cena se ilumina sob um reconhecimento momentâneo, mas não se deixa congelar em paisagem. Esse lampejo de familiaridade no pensamento é comum na exposição. Na combinatória de processos, imagens parciais, cores, texturas e matérias de Tatiana Chalhoub, os sentidos se aguçam sempre com outros à espreita.